

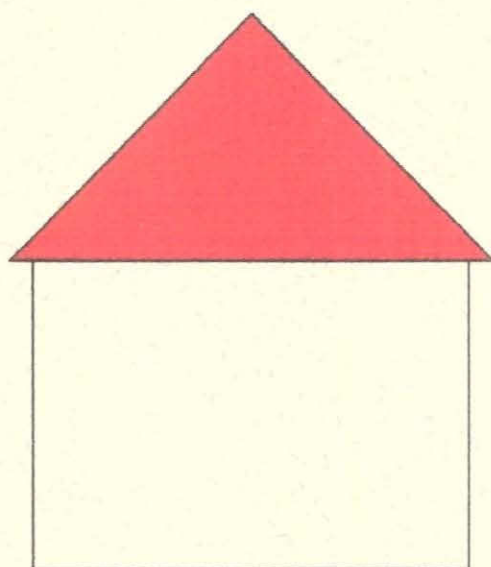
TCC/UNICAMP
B644c



1290001692

Ana Carolina Faber Boog

A CASA DOS ESPELHOS



CAMPINAS

2001

Ana Carolina Faber Boog

A CASA DOS ESPELHOS

*[Monografia apresentada
para obtenção do título de
licenciada em Educação
Física pela Faculdade de
Educação Física da
Universidade Estadual de
Campinas, realizada sob
orientação da Profa. Dra.
Sílvana Venâncio].*

Campinas

2001

EU SEI MAS NÃO DEVIA

CLARICE LISPECTOR

Elaborado por Paulo Sérgio

Eu sei que a gente se acostuma.

Mas não devia.

*A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a
não ter outra vista que não as janelas ao redor.*

E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora.

*E porque não olha para fora,
logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas.*

*E porque não abre as cortinas
logo se acostuma a acender cedo a luz.
E a medida que se acostuma, esquece o sol,
esquece o ar, esquece a amplitude.*

*A gente se acostuma a acordar de manhã
sobressaltado porque está na hora.
A tomar o café correndo porque está atrasado.*

*A ler o jornal no ônibus
porque não pode perder o tempo da viagem.
A comer sanduiche porque não dá para almoçar.*

*A sair do trabalho porque já é noite.
A cochilar no ônibus porque está cansado.
A deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.*

*A gente se acostuma a pagar por tudo
o que deseja e o de que necessita.
E a lutar para ganhar o dinheiro com que pagar.*

E a pagar mais do que as coisas valem.
E a saber que cada vez pagará mais.
E a procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro,
para ter com que pagar nas filas em que se cobra.
A gente se acostuma à poluição.
Às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro.
À luz artificial de ligeiro tremor.
Ao choque que os olhos levam na luz natural.
Às bactérias de água potável.
A gente se acostuma a coisas demais, para não sofrer.
Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma
dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá.
Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e sua no
resto do corpo. Se o cinema está cheio, a gente senta na
primeira fila e torce um pouco o pescoço. Se o trabalho está duro
a gente se consola pensando no fim de semana.
E se no fim de semana não há muito o que fazer,
a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito
porque tem sempre sono atrasado.
A gente se acostuma para não se ralar na aspereza,
para preservar a pele.
Se acostuma para evitar feridas, sangramentos,
para poupar o peito, para poupar a vida,
que aos poucos se gasta, e que gasta de tanto se acostumar,
e se perde de si mesma.

- A QUEM MERECE -

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, que vêem nos meus olhos os meus sentimentos e comigo tudo sentem. Com eles aprendi a amar;

Ao meu irmão, Guilherme, que, com seu jeito sério de irmão mais velho sempre cuidou de mim;

Paulo, Vera, Iolê e Carneiro, companheiros de caminhada, balada, vinho, música, teatro, poesia, livros e muitas conversas;

Professora Silvana, que me aceitou como orientanda, com muita coragem, quase sem me conhecer, em uma data bastante avançada para começar este trabalho;

Aos professores Jocimar, Carminha e Nana, pessoas que, dentro e fora de sala, marcaram minha vida na Unicamp;

Aos amigos aqui não citados, agradeço. Prefiro não colocar o nome de todos senão a lista ficaria maior que o trabalho...

- RESUMO -

O texto, escrito em forma de conto, traz uma discussão a respeito da padronização do belo e da busca por um ideal de corpo.

A partir de uma professora que percebe que seu aluno está tomando anabolizantes, a história desenrola-se em discussões sobre o corpo como local onde a cultura deixa suas marcas. O ponto chave do texto é a problematização dos padrões atuais em relação ao futuro e os danos que podem causar à saúde de quem busca atingi-los. Considera-se o que é um grupo, uma sociedade, em tempos onde se reforça o individualismo.

Fazer parte de uma sociedade (por mais individualista que ela seja) é como entrar numa Casa de Espelhos: para cada lugar que se olha, vê-se uma pessoa que, de alguma forma, reflete alguma coisa em mim e para mim. Principalmente quando esta sociedade tem um sistema reprodutor de sua ideologia chamado escola.

- ÍNDICE -

Apresentação	09
Capítulo 1	11
Capítulo 2	23
Capítulo 3	40

- APRESENTAÇÃO -

Aos dez anos de idade ganhei um presente que mudou minha vida. Um presente que me fez crescer, amadurecer um pouco mais rápido que minhas amigas da mesma idade. Não era um carrinho, uma casinha ou uma boneca. Era um boneco de verdade. Nasceu no dia 25 de janeiro de 1989, pouco antes das 6 horas da manhã, meu irmãozinho. Nesta idade, como filha de trabalhadores de classe média, tive que assumir muitas responsabilidades com essa criança, pois meus pais tinham que trabalhar. Mas, para mim, não era (e não é) nenhuma responsabilidade que carregasse com peso. Ele sempre foi uma alegria para todos nós.

Acompanhei seu crescimento muito de perto. Alguns momentos foram realmente marcantes. Lembro quando o carreguei no colo pela primeira vez, meio desajeitada; quando minha mãe me ensinou a trocar fraldas; seus primeiros sorrisos; nossa primeira gargalhada juntos; quando eu tentava fazê-lo dormir e ele olhava para mim como quem diz: "o que você quer? Eu não estou com sono!"; seus primeiros passos; quando se escondeu debaixo da cama e lá adormeceu; quando começou a nadar... sempre estivemos muito juntos e hoje não consigo imaginar a vida sem ele.

Foi com esta pessoa, que hoje já está quase maior que eu, que aprendi a gostar de histórias e músicas infantis, que aprendi a falar com as crianças na linguagem delas. Uma vez,

quando ele tinha em torno de 5 anos, me perguntou por que o coração é importante. Como explicar para uma criança tão pequena a importância do coração, sem banalizar? Não foi fácil, fiz desenhos, fiz encenações, mostrei onde ficava o coração no corpinho dele. E ele entendeu.

Foi com ele que aprendi a explicar muitas coisas um tanto complicadas com uma linguagem simples, com exemplos cotidianos, sem diminuir ou banalizar o tema.

Nesta perspectiva, meu trabalho procura trazer uma discussão acadêmica para a realidade do dia-a-dia, o que o torna bem mais compreensível. Edgar Morin diz que "O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações em seu contexto, para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto e o texto necessita do contexto no qual se enuncia."*.

Ao Jorge, agradecer é pouco. Com ele cresci muito, mas com ele aprendi também como é bom ser criança, brincalhona e alegre. Assim sempre seremos, querido irmão!

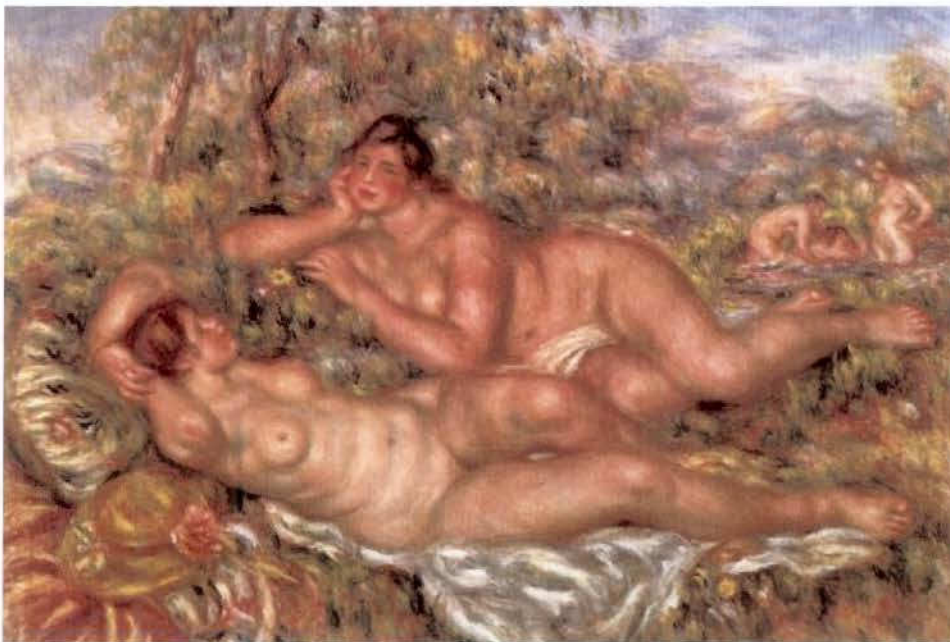
* Morin, E. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez, 2001, p. 36



Cleópatra: sem semelhança com Liz Taylor

CAPÍTULO

1



As Banhistas - Renoir

- CAPÍTULO 1 -

Quinta-feira, final de tarde, depois de não sei quanto tempo no trânsito, chego em casa. Pouca coisa na geladeira, preparo uma salada, com um pedaço de pão seco e café. Café é algo que nunca pode faltar. Preferia que fosse aromático, de melhor qualidade, cheiro mil vezes melhor, mais cremoso... caro demais! Ligo o som na sala, Cd do Fantasma da Ópera, que pessoas muito queridas trouxeram para mim de Londres. Sento no chão e imagino o musical se passando ali na minha frente. Amanhã é sexta-feira, depois sábado e domingo. Então poderei dormir até os olhos abrirem e as costas doerem de ficar na cama. Poderia ir para Londres, também, assistir... deixa prá lá, nem que tivesse dinheiro, dois dias não é o suficiente. Posso ler alguma coisa, passear na praça, ver o pôr-do-sol da janela do apartamento e arrumar meu armário.

Pego uma revista qualquer, começo a folheá-la, pensando no meu trabalho, nos meus alunos, nos meus projetos... Professora da rede pública. Quando conseguirei ir para Londres? Um dia pensei em matar meus pais e montar uma academia na casa deles, o local é ótimo. Mas como? Não tenho dinheiro nem para comprar um sofá para minha casa (que é alugada), me afundaria em dívidas com a funerária. Depois, não teria como reformar tudo, comprar os aparelhos necessários. Ah, na verdade, nunca gostei de academias. Gosto da escola, dos meus alunos, até quando eles me chamam de

"Dona". Seus olhares esperançosos, admirados, com dúvidas, seus desafios, curiosidades, suas perguntas ingênuas e, muitas vezes, indiscretas, valem todo o dinheiro que não ganho.

Continuo folheando a revista, vendo ainda aqueles olhares brilhantes piscando, sorrindo. Volto ao mundo ao ver um artigo que me chama a atenção: "A Bela era Feia" ¹. Bela feia, interessante. Sobre Cleópatra. Fala sobre novas descobertas, que podem provar que ela não era tão bela quanto se imaginava até então. Segundo esse artigo, provavelmente era baixinha, gorda, com dentes tortos e nariguda. Mas era também vaidosa, poliglota de voz melodiosa, ambiciosa e charmosa. Devia ser um mulherão, isso sim, daquele tipo furacão, sempre abalando. Precisava ser linda? Será que se fosse magra e tivesse um nariz diferente a história seria a mesma? Será que a achavam feia?

Outra coisa que nunca falta em casa é vinho. Tomo um cálice e me sirvo. Vinho tinto seco, Chianti, italiano, ganhei de presente, também. Fico imaginando Cleópatra, a feia maravilhosa, as pirâmides... como julgamos o certo e o errado baseados nas nossas referências. Pego um livro de pinturas, caio numa tela de Renoir, "As banhistas", mulheres nuas, em uma paisagem natural, umas se banham num rio, outras deitadas no verde... Gordas? Enormes!!! É uma pintura que reflete o amor que o artista tinha pela vida, pelo corpo feminino e pela natureza ². Era o ideal dele e de toda uma época. O que seria dessas mulheres com seus corpos, nos dias de hoje? Elas não

deixam de existir, mas a busca por um corpo diferente é interminável.

Tomei meu banho e não pude deixar de parar em frente ao espelho. Imaginei-me Cleópatra, depois as banhistas de Renoir e, por último, Giselle Bündchen. Depois me olhei criticamente e achei que poderia ser eu a musa de Renoir. Um rostinho bonitinho e um corpo gordo, forte e saudável! Eu nem chego perto das gorduchas da pintura, mas pensando no futuro... é, mas agora as musas são outras, elas não deitam nuas perto de lagos, mas nas suas piscinas, com toda a segurança necessária, ou então num ensaio fotográfico para a Playboy.

Penso nas minhas alunas. Tão novas buscando um corpão de mulher e nem estrutura para isso elas têm, ainda. Falando em alunos, preciso ver o que farei com eles amanhã.

Não sei por quanto tempo fiquei estudando, até que fui deitar. Tive uma noite agitada, acho que café com vinho não me fez bem. Sonhei com pessoas na praia, todas nuas. Magras, muito magras, raquíticas. E eu também era assim. Sentia-me fraca, estava deitada na areia e o sol queimava, mas não conseguia mais me levantar. Queria pedir ajuda, mas minha voz não saía, não conseguia fazer um só movimento. Então surgiu, do mar, uma pessoa gorda, que veio em minha direção. Senti medo de ser pisoteada. Ela me colocou sentada e trouxe água. Depois foi embora, entrou numa pirâmide de areia, que apareceu e sumiu rapidamente.

Acordo apavorada, aquelas imagens na noite mexem comigo, não sei por quê. Faço um chá e volto a dormir, desta vez sem sonhos.

Um barulho horrível me acorda. Ah, sim, o primeiro despertador, ao lado da cama. Desligo. Não sei exatamente quanto tempo depois, o segundo despertador, atrás da porta. Levanto, desligo e volto para a cama. Novamente aquele som horrível, agora vindo do banheiro. Sim, hora de acordar. Lavo logo o rosto para não voltar a dormir. Preparo um café, como as últimas frutas que tenho em casa. Preciso fazer compras, hoje.

Trânsito. Lógico. Sempre tem. Mas não costumo me atrasar.

Hoje dou aula apenas para alunos do ensino médio. Gosto das turmas, todos participam relativamente bem, gostam de conversar e levam suas dúvidas e angústias, pedindo conselhos. Estão numa fase em que começam a se aceitar, em que formam suas turmas de amigos, em que estão juntos na escola e fora dela também.

A primeira aula é sempre fraquinha. Todos com sono, inclusive eu. Como é possível trabalhar direito com sono? Não consigo pensar neste horário. Quando será que arrumarei um emprego no período da tarde?

A turma da segunda série do ensino médio chega animada. É uma classe muito unida, todos se entendem bem, não tem nenhum "excluído". Vem Gustavo, falante, rodeado pelas meninas, bom de papo. É um aluno muito estudioso e muito legal, sabe conversar, sempre encanta uma menina. Sabe

dar atenção para todos, fala coisas interessantes, toca violão. Não deve parar em casa, tem muitos amigos e diz que gosta muito de "curtir a noite". Já o vi com várias namoradas e atualmente deve ter outras tantas. Em seguida chega Cláudio, conversando com Rafaela. Esse menino vivia isolado da turma até a 8ª série. Todos o chamavam de "CDF", porque tinha ótimas notas e excelente participação em todas as aulas. Em Educação Física sempre participou muito bem. Diz que faz natação desde os 5 anos de idade. Hoje está grande, bonito e é muito inteligente. As meninas passaram a notá-lo desde o ano passado, ele venceu um pouco a timidez, conversa com elas, fez vários amigos. Quem, acho, não gosta muito disso é o Gustavo, que tem receio de perder seu espaço. Sempre que pode, tenta reforçar a velha fama, de "CDF bobo", do colega.

Reúno a turma, peço que cada um diga se faz alguma atividade física fora da escola, para que se montem grupos para estudar as atividades, benefícios para a saúde, histórico no Brasil e tudo o que puderem descobrir a respeito. Alguns se empolgam, outros reclamam: "trabalho de Educação Física?" Resolvo a questão, formo dois times e eles jogam futebol de casal nos últimos 15 minutos da aula. Faço a chamada e os dispenso. Gustavo chega perto de mim e diz que começará, na próxima semana, a fazer musculação, porque quer ficar um pouquinho mais forte.

Adoro sexta-feira. São só duas aulas. Saio da escola, tenho o resto do dia livre. Passo numa padaria, peço um pão na chapa

e um café e ando um pouco num parque, numa zona residencial da cidade, longe de casa e da escola. Caminho por algum tempo, poucas pessoas nas ruas. Fico pensando em alunos que se isolam ou são excluídos da turma. Como posso incluí-los no grupo? Mas parece que alguns nem querem papo com os colegas. Talvez finjam não querer nada com a turma para não sofrer, cada vez que tentam se aproximar. Sento num banco, olho em volta e me sinto só. Corro para o supermercado, compro algumas coisas e vou para casa.

Faço um almoço rápido, um gole de vinho e durmo. Não sei bem por quanto tempo, mas quando acordo já está escuro. Olho pela janela e vejo muita poluição. Preferia estrelas. Queria andar pelas ruas, mas é perigoso. Queria falar com alguém, mas nem telefone tenho. Uma sala de bate-papo na internet, um namorado virtual. Dizem que é interessante. Imagino, na hora que ele começasse a falar de carros, eu desligaria a máquina e tudo se resolveria. Ele nem precisaria saber que sou gordinha, tenho espinhas na cara, dentes tortos ou narizão. Poderia dizer que sou tão linda quanto Cleópatra!!!

Música! Ligo o som, agora algo mais agitado, estou acordada, quero sair. Quero ver pessoas. Para quem ligar? Onde ir? Será que se sair esta noite terei dinheiro para comprar comida na próxima semana? Bom, nem sei se estarei viva até lá... Desço correndo as escadas, o porteiro olha para mim com uma cara assustada, vou ao telefone público. Lembro que depois

das 22 horas não pode fazer barulho. Regras. Só servem para atrapalhar.

- Vamos no forró, até 23 horas não paga entrada - disse minha amiga - passo aí em 20 minutos.

Fico eufórica! Dançar a noite inteira é uma ótima idéia. Sem contar que nem preciso me arrumar muito, nada de salto, nada de calça apertada. Um banho rápido, 10 reais no bolso, saio. Ioli, minha amiga, está pontualmente em frente ao meu prédio, 10h20min. No caminho, passamos por diferentes locais. Fico observando as pessoas, suas roupas, suas atitudes. Olho para mim. Incrível como a gente se adapta ao local que frequenta, às pessoas com quem vivemos. Eu, quando dou aula, tenho um jeito, quando vou à igreja, outro, ao forró mais um e assim por diante.

O sol bate na minha cara. Sinto calor. Quero dormir mais, mas a necessidade de um banho e café me arranca da cama. Ioli dorme no chão da sala. Olho a cozinha e noto a falta de pão e leite. Desço as escadas e vou à padaria. No caminho, uma criança dorme na calçada. Não consigo distinguir se é menino ou menina. Será que está viva? Penso em oferecer alguma coisa, mas fico com receio de chamá-la. Pode reagir de forma agressiva, pode estar drogada, pode estar morta e não reagir, o que mais me assustaria. Pelo tamanho daquele pequeno corpo sobre jornais coberto com uma manta, deve ter uns 8 anos de

idade. Apesar de que isso é imprevisível, quando trata-se de uma criança subnutrida. Será que tem nome? Família?

A padaria está logo ali, entro, compro o necessário e saio. A criança, imóvel. Em casa, Ioli continua esparramada no chão da sala. Um sofá faz falta.

Um sofá? Como sou insensível. Acabei de ver uma criança que nem sei se estava viva ou morta na rua e reclamo a falta de um sofá? Prá quê? Tenho casa, tenho amigos, tenho comida. O Estado não paga bem, mas ao menos paga. Tenho demais, acho. Tomo vinho italiano e escuto o Fantasma da Ópera, na versão inglesa. Tudo de presente, é verdade, mas tenho. Nunca passei fome. Aliás, entre meus medos em relação ao futuro, fome é algo que nem me passa pela cabeça. Parece tão longe da minha realidade... e está na porta de casa.

Isso deve ter relação com a sociedade moderna, individualista ao extremo. Segundo a nossa ordem, o indivíduo que não produz torna-se desnecessário. E não existe espaço para ele. Uma vez assisti a uma palestra de um economista coreano naturalizado brasileiro onde ele dizia que, nas mais antigas sociedades, as pessoas viviam juntas e se ajudavam. Isso não deve ser porque se entendiam bem, mas pela necessidade. Eram grupos pequenos e, conseqüentemente, vulneráveis a ataques e agressões externas. A união dava segurança ao grupo nessas sociedades chamadas tradicionais. Depois, com a industrialização, a sociedade se tornou extremamente individualista. Atualmente, acontece um novo movimento, nos

qual novamente grupos voltam a se unir, em caráter de defesa³. Eu e meus vizinhos vamos cuidar daquela criança, para que ela não assalte nenhum de nós quando sairmos na rua para comprar pão ou ir ao correio. Cruel esta lógica, mas é ela que move grande parte de trabalhos solidários.

- Acorda, Ioli, preciso da sua opinião! Acorda! Me diz qual é a solução!
- Solução? Dormir...
- Não, é sério, preciso ajudar pessoas, não para me proteger, mas porque acho injusto uma criança dormir na rua, passar fome. Acho injusto meus alunos excluírem um colega porque este é gordinho, feioso, ou sei lá o que eles pensam.
- Ih, pelo jeito você acordou com espírito de salvadora da pátria... Tem café?

Tomando o café, ela olha para a minha cara e ri.

- Causas nobres? O que aconteceu, sonhou que foi para o inferno? Ou leu a parábola do Bom Samaritano? Assistiu a uma missa na televisão? Já sei, vai se candidatar, né? Esquece, eu não voto em você.
- É sério...
- Tá, vamos lá, a preocupação é com a criança que dorme na rua ou com o seu aluno? Sim, porque o princípio é o mesmo, exclusão, mas acho que a forma de agir é diferente. O que leva à exclusão é a idéia de garantir o que é meu e ter sempre mais, sem pensar em outras

peças. Isso me parece cíclico: quanto mais excluído estou, menos chances tenho, o que me exclui ainda mais e assim por diante. Acredito num trabalho não assistencialista, que supra as carências, mas numa forma de romper este ciclo. Deu prá entender?

- Mas como?
- O café estava ótimo; você está perguntando demais, não sei as respostas. Preciso ir.

A conversa estava indo tão bem...

Olho um livro em cima da cadeira. Foi usado numa disciplina da faculdade, qualquer coisa sobre cultura. É um livro interessante, parece "revista Capricho", com as declarações dos jovens entrevistados. Vejo algumas frases marcadas, grifadas. "Sua beleza é avaliada a partir de modelos coletivamente construídos e individualmente reconhecidos como legítimos" *. Mas como? Que critérios foram utilizados para construir esses modelos? Quando eles foram criados? Será que teve concurso no Faustão, foi algum projeto financiado pela Rede Globo? Não me lembro de ter participado desta construção...

Volto algumas páginas, muitas coisas marcadas, muito rabisco pelo livro. Geralmente rabisco quando gosto do que leio. Deve ser minha forma de gostar. Estilo de bem viver, culto ao corpo. Os meios de comunicação reforçam este assunto que se tornou de interesse geral. Este livro, feito no Rio de Janeiro, se

torna mais interessante quando imagino aquele ambiente de praia, biquínis e shorts, gente correndo no calçadão. Todos querem estar "em forma", para serem reconhecidos. E os meios de comunicação estão aí para reforçar isso, para me lembrar a todo instante que o tempo está passando, que já não tenho mais 17 anos. Ter como padrão de beleza o corpo jovem é como gestar um filho morto. Absoluta certeza do fim, de que tudo aquilo um dia vai se acabar em rugas, gorduras, flacidez, varizes...

Entendo a necessidade das sociedades terem um ideal, que possa diferenciar bonito e feio, feliz e triste, gordo e magro, legal e chato, certo e errado. É uma forma de reconhecimento. Dificilmente vou procurar qualquer tipo de contato com aquilo que é repugnante. E acho que é repugnante em função do padrão. Reproduzo o sistema.

Primeiro despertador, segundo despertador, terceiro despertador. Acordo. Chego na escola, o diretor me chama. Tenho que explicar por que mandei alunos fazerem trabalho de Educação Física. Foram reclamar: "já temos muitas obrigações!" Não abro mão do trabalho, vou verificar critérios de avaliação. Ainda escuto piadinha na sala dos professores, dizem que não tenho que corrigir provas, então inventei um trabalho para me curar nas noites de insônia. Quanto tempo falta para eu me aposentar?

Algumas semanas passam. Noto que Gustavo é muito fiel à academia. Aliás, as mudanças em seu corpo estão acontecendo

rapidamente. Deve ter tendência à hipertrofia muscular, pois é um menino bem inteligente, não acredito que tomaria qualquer tipo de droga. E ele sabe que as meninas não gostam.

Notas

1. Revista VEJA, Edição 1696, ano 34, número 15, 18/abril/2001, pág. 105.
2. Musée d'Orsay 100 obras mestras do impressionismo Editions Scala: Paris, 2000
3. Conforme palestra assistida na Semana de Atualização Teológica promovida pelo Centro Ecumênico Brasileiro de Estudos Pastorais, ministrada pelo economista e teólogo JUNG MO SUNG, da Universidade Metodista de São Paulo, de 27 a 29 de julho de 2002, no Mosteiro de São Bento, em Vinhedo-SP
4. Núcleo de Pesquisa da Comunicação Contemporânea, De Corpo e Alma. Rio de Janeiro, s.d.



Porta Santa

CAPÍTULO *2*



A americana
Lenda Murray:
seis títulos de
missa Olympia
e um corpo
que diz tudo



New York
11 de setembro de 2001

- CAPÍTULO 2 -

Acho feia a imagem do corpo muito musculoso. Parece um balão; prestes a explodir. Nunca gostei e conheço poucas pessoas que gostem. Não é normal; todos os contornos naturais são perdidos; aquilo que a pessoa realmente é some atrás de massas musculares. Lembro de um texto que li na faculdade onde o autor caracterizava esse tipo físico como "insólitas massas musculares que não servem para correr, nem para arremessar e que rompem assim com tudo aquilo que, dentro da lógica esportiva, associa músculo a movimento"⁵. São apenas para demonstração. Isso me lembra um amigo da escola que sempre tomava relaxante muscular antes da aula de ginástica artística. Ele dizia que não conseguia fazer os exercícios propostos, mas nunca entendi direito por quê. Acho que vou ligar para ele, quem sabe muitas coisas se esclareçam. Ele sempre foi muito forte, mas tomava anabolizantes. Não muito, acredito, mas tomava. Parecia um robô andando, todo contraído, durinho.

Falando em robô, aproveito para ler um texto que está em cima da minha mesa, sobre previsões no campo esportivo para o futuro. O autor usa uma expressão bem interessante, "pós-humano"⁶, para caracterizar este tipo físico. Segundo ele, a engenharia genética deve, futuramente, conseguir juntar determinadas características nos indivíduos, para que ele venha ao mundo conforme a encomenda de quem quiser e

puder fazê-la. Me parece um pouco retrógrada essa idéia, volta a busca de eugenia das raças. Aliás, a professora Carminha⁷ diz que "o eugenismo e o higienismo, hoje, imprimem ao corpo uma visibilidade nunca antes vista e contrapõe um amplo projeto estático da aparência, que desemboca numa afirmação narcísica". Chego a imaginar as conversas entre os pais, contando como serão seus filhos encomendados, "perfeitos".

- O meu meninão terá 1,80m de altura, jogará futebol com muita agilidade, terá dentes perfeitos, um biceps bem desenvolvido e calçará 43. Muito inteligente, ele terá um dom especial para a área de exatas. Vou estimular linguas estrangeiras, pois sei que ele terá facilidade. Doença nenhuma, encomendei um sistema imunológico novo, último lançamento no mercado.

Mas essa idéia ainda está um tanto distante. Hoje, como essa possibilidade ainda não existe, a forma de ter um corpo musculoso ainda é fazer exercícios e, se a genética não ajudar, tomar "bomba".

São tantos livros sobre minha mesa que não sei bem como me localizar. Na pasta de fichamentos, acho algo sobre o treinamento, que tem muita relação com esta imagem pós-humana. O homem, para se desenvolver, buscou dominar a natureza. Conhecê-la profundamente para explicá-la. Tudo o que antigamente era graça ou castigo divino hoje tem um esclarecimento científico detalhado. Mas a parte da natureza mais próxima ao homem, nesta visão dualista, onde o ser

humano é dividido em corpo e mente/espírito, é o corpo. Se a natureza é perigosa e o corpo reflete a natureza do homem, fazemos um silogismo e concluimos que o corpo é perigoso. Nesta lógica, o esporte tem um caráter bastante importante. Domínio do corpo, das atitudes, da dor. Gustavo vive me dizendo que "os caras, na academia, fazem altas caretas", em determinados exercícios. A dor, ao invés de ser entendida como uma defesa, torna-se hoje mais uma barreira a ser superada⁸. Treinar o corpo para controlá-lo. Autocontrole. Isso parece muito útil numa sociedade onde temos que engolir desaforos para manter um emprego, onde se trabalha demais, recebe-se pouco. Lembrando Lispector⁹, a gente tem que se acostumar com ônibus lotado, com o risco de ser assaltado, com o ar condicionado na sala, com o indivíduo fumando do meu lado... A gente tem que se acostumar com dores.

Saída da escola, quarta-feira, sol. O sinal toca, ainda fico durante um tempo conversando com colegas. Ando tranqüilamente até o carro, quando lembro que preciso comprar pastilhas, pois acabo sempre abusando da minha garganta nas aulas. Entro na farmácia e encontro Gustavo saindo da salinha onde geralmente se aplicam injeções. Ele fica constrangido, eu também. Diz qualquer coisa à toa e sai. Ah, muitos pensamentos passam pela minha cabeça e acabo perguntando para o farmacêutico se o menino está doente.

- A senhora é mãe dele?

- Não, sou professora.
- Sinto muito, senhora, mas estas informações são sigilosas, seria anti-ético dizer qualquer coisa sobre o seu aluno.

Anti-ético... Se descobrir que o menino está tomando anabolizantes, processo este cara. Sem vergonha!

Volto para casa.

Há pouco tempo assisti a um filme, Inteligência Artificial. É uma ficção, especulação do futuro. Um robô, não como o que até algum tempo era visto como o ser do futuro (forte, musculoso, frio), mas na forma de uma criança programada para amar. Achei interessante que essa criança não precisava comer nem dormir. Imagine se no futuro as "pessoas" precisarão perder tempo com essas futilidades. Mas algo me chamou muito a atenção nesse filme: os atributos físicos do "pós-humano" parecem ter mudado nos últimos 2 ou 3 anos. Já tinha notado isso quando assisti a "Matrix" e volto a reparar. Talvez tenha acabado a era Robocop-Schwarzenegger. Talvez porque já chegamos no século XXI e surpreendentemente (ou não) a nossa civilização não está tão avançada como previa Hollywood.

Sim, para o século XXI acho que se imaginava outra coisa. Ainda temos 99 anos pela frente, mas parece que tudo já começou diferente do previsto. A mudança de época sempre traz a idéia de época de mudança. Seja de um dia para o outro, de uma semana para a outra... eu sempre começarei a fazer

regime na segunda-feira. Existia a idéia de que o mundo, na virada do milênio, acordaria melhor, em paz, sem desigualdades ou exploração. A Porta Santa, na Basílica de São Pedro, em Roma, esteve aberta durante todo o ano 2000, para que todos os fiéis (que pudessem por ela passar) fossem perdoados por seus pecados, entrando "limpos" no séc XXI. Essa porta só é aberta a cada 25 anos. Aquele mesmo autor que traz a idéia do pós-humano afirma que a virada do milênio veio carregada da idéia de "marco de purificação, de limpeza moral nos costumes" ¹⁰. Foi o que o mundo esperou. Acredito que estes robôs e seres futuros mais atuais, apresentados nos filmes citados, com um pouco mais de emoções, um pouco menos de armas e agressividade, refletem um pouco o que se deseja hoje, reforçado pelo novo ano, que não chegou com tantas mudanças, mas com mais desigualdades, mais atentados terroristas, tensão no mundo inteiro, perspectiva de guerra.

Fico pensando, às vezes, quais seriam as mudanças que eram tão esperadas. Sim, porque de um dia para o outro nada vai mudar por acaso. Questiono o que se esperava. Um novo Messias ou talvez um castigo, outro dilúvio, igual ou pior àquele em que Noé se salvou, junto com os bichinhos. Não acredito que estas profecias se concretizarão desta forma. Mudanças devem ocorrer, progressivamente, não sei se pra melhor, e serão proporcionadas pelo homem. Inovações tecnológicas, ciência. Sabe por que a humanidade não acabaria num dilúvio? Simples, os satélites detectariam a formação de nuvens e quem

pudesse se salvaria. Mas, se Deus é alguma coisa boa, acho que ele não mandaria um castigo que reproduzisse a lógica do neoliberalismo.

A ciência tem uma função importante para os homens. Ela é capaz de apreender vários elementos da natureza. Voltando à idéia do dilúvio, o que aconteceu na época, tido como castigo de Deus, talvez pudesse ser explicado com muita lógica, hoje. Dominamos o conhecimento. O que leva o homem a querer dominar a natureza é, imagino, medo. "Um vulcão no meio do oceano atlântico causará uma onda gigante que cobrirá parte do litoral nordestino no Brasil", saiu no Fantástico, em agosto deste ano. O homem foi conhecer cada área do planeta em seus mínimos detalhes, para garantir sua existência. É uma característica humana. Aliás, acho que todo ser vivo busca preservar sua existência, e o homem usa sua inteligência para isso.

Acredito que assim acontece com o corpo. Estudamos detalhadamente sua anatomia, sua fisiologia, a biomecânica, enfim, todas as áreas de conhecimento que nos permitem dominá-lo em sua natureza. Dominando-o, criamos um ideal. E esse corpo ideal é o mais treinado para suportar as dores, sejam elas físicas ou não.

Mas por que esta necessidade de ter um padrão de beleza? Inicialmente achei que se devia a uma relação de dependência com a cultura do consumo. Depois comeci a lembrar que a professora de história, na escola, vivia dizendo que havia um

padrão de beleza na época do descobrimento do Brasil, antes até. Sempre houve. Lembrando do livro que reli há alguns dias, "o corpo é o signo primeiro de um código que, através do olhar, permite comunicação e reconhecimento entre os parceiros e relações" ¹¹. Apesar de que quando já tenho amizade com uma pessoa, por mais que ela esteja fora dos padrões, este código fica em segundo plano. Sim, vejo que Cláudio conseguiu identificação dos colegas quando começou a se tornar um homem (bonito, segundo as meninas, e legal, segundo os meninos). Já Gustavo sempre teve uma boa relação e, apesar de não ser bem o padrão determinado naquele contexto, não é rejeitado pelo grupo. Mas sente o risco e busca "melhorar".

Como se definem estes padrões? Penso em diferentes sociedades, pego uma revista que uma vez guardei, que justamente fala dos padrões de beleza através dos tempos. Consta lá que "a definição do belo, mais do que moda e estética, é um espelho dos tempos e reflete códigos culturais tanto do passado quanto do presente" ¹².

Códigos culturais. O homem é o único ser vivo, acho, que sabe admirar e realçar o belo. Mas o que é o belo, caramba? Esta mesma revista conta um pouco da história do "belo" através dos tempos. Imagens interessantes, padrões determinados por diferentes culturas, em diferentes épocas. O que é uma cultura? Um grupo? Uma tribo? Questões são muitas. Respostas eu não tenho, talvez algumas impressões particulares, baseadas em algumas coisas que li, outras que concluí.

Escuto muito falar sobre gangues, grupos de pessoas, geralmente jovens, que vivem juntas, fazem coisas juntas. Este termo tem um caráter negativo. Mas me parece mais próximo do que falar em tribos. Sempre aprendi que tribo é "coisa de índio". Tenho alunos que fazem parte de gangues. As mais diversas características. Determinados grupos freqüentam determinados locais, usam determinadas roupas. Tenho uma dificuldade imensa em lidar com alguns. Existe um menino que fala em ritmo de "rap", usa correntes no pescoço, roupas escuras e dizem que distribuí drogas na escola. Vez em quando aparece algum amigo dele, do bairro, na saída da aula. Reconheço facilmente seus amigos. Será que estou sendo tendenciosa? Rotulando? Mas, afinal, o que caracteriza um grupo, senão os hábitos, as roupas, os gestos?

Uma vez comprei um livro de história do Brasil pelo qual me apaixonei. Aliás, só fui me apaixonar por história depois que entrei na faculdade. Uma pena, porque sempre tive bons professores na escola. Este livro traz toda a história a partir das curiosidades. Logo no início ele caracteriza os nativos do Brasil, suas tecnologias, seus rituais, relações com o sagrado, mitos, família. Segundo o autor, "os índios viviam, de maneira geral, em grupos autônomos, que migravam de tempos em tempos. Estes grupos tinham uma identidade própria, transmitida de uma geração a outra por meio de histórias sobre a origem do mundo, o cultivo das plantas e as regras sociais. O momento em que se contavam essas histórias era uma

ocasião especial, preparada com muito cuidado e na qual se reunia toda a tribo. (...) essas histórias aproximavam os membros do grupo e consolidavam o seu conhecimento do mundo”¹³. O casamento tinha também um papel fundamental na união dos grupos. O individualismo não fazia parte dessas sociedades, pois ele não garantia a existência delas. São grupos com características comuns que devem ser conhecidas por todos os integrantes, de todas as idades.

Penso nos rituais de passagem. É muito clara na minha memória uma reportagem que vi, há alguns anos, não me lembro onde, sobre esses ritos. “O rito é uma rememoração perene do que aconteceu numa primeira vez e volta a acontecer, graças ao ritual que abole a distância entre o passado e o presente”¹⁴. Os “índios” colocavam uma luva cheia de formigas enormes, que picavam toda a mão, para se tornar adultos. Não sei exatamente o quanto da dor é superada pela satisfação. Satisfação pela mudança. Picadas para se tornar adulto; monografia para concluir a faculdade, primeira comunhão (ou confirmação, como se diz na minha religião) para poder ter chaves de casa ou tomar vinho. Dores físicas bastante diferentes, mas todas as situações são de enorme relevância, nos seus devidos contextos. É a superação de obstáculos impostos pela sociedade na qual se vive.

Entendo, a partir daí, que o grupo é uma forma de convivência social. Hoje, porém, nossa sociedade é extremamente individualista. Acho até que existem grupos

extremamente radicais que se unem justamente em reação a essa realidade. E as formas de se unir são as mais diversas, das quais a aparência corporal faz parte.

Passam as férias de inverno, passa o inverno, chega a primavera. O tempo corre e Gustavo me preocupa cada vez mais.

Esta manhã aconteceu algo inédito, fatos típicos das minhas aulas. Ele ia trocar de camisa para não sujar o uniforme escolar e, ao mexer na mochila, cai um vidrinho no chão e rola até meu pé. Olhei para baixo e percebo que é uma ampola. O menino fica apavorado, muda de cor, fica vermelho, roxo, verde, branco. Ele corre e, antes que eu pudesse abaixar, pega a ampola do chão. Um aluno dá um grito, brincando: "É bomba! Vai explodir!!!". Olhei para Gustavo, ele respira fundo e olha firmemente nos meus olhos.

- É meu remédio, Dona. Estou fazendo um tratamento com antibióticos, tomo injeções todo mês, porque tive infecções na garganta.

Não podia provocar uma situação de constrangimento ali, durante a aula, perante todos os alunos, mas estou certa de que aquilo não é antibiótico. O que eu faço???

O que é ser bonito? Beleza? O dicionário não me esclarece nada. "Para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos

corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas”¹⁵.

O conceito de belo é formado a partir de um padrão. O padrão é algo que serve de parâmetro para um grupo social para a determinação do que é bonito ou feio, aceitável ou repugnante. Isso me angustia um pouco. Ligando com as idéias de tribo, de grupo, talvez o ideal de beleza dos alunos da sala, até dois anos atrás, fosse Gustavo. De repente ele se sente perdendo a posição. Talvez se sinta repugnante!!! Mas, para fazer parte dessa tribo meu índiozinho tem que reproduzir suas regras de convívio. Apesar de já ser parte e nela ser aceito em diversos aspectos, hoje deve sentir-se um peixe fora d'água, ou melhor, um índio fora da tribo. Talvez ele sinta necessidade de algum rito de passagem para voltar a fazer parte da tribo, para se aproximar do passado, onde ele era “o mais” (bonito, legal, inteligente...) da sala.

Acho interessante como o corpo é, hoje, assunto de interesse geral. Busca-se um ideal que aparente bem-estar. Aparente harmonia com a natureza. Acho que o primeiro público atingido é o jovem.

O jovem está numa fase de auto-afirmação. É uma época onde a pessoa começa a sair de casa, das “relações sociais sacralizadas de sangue e afeto da família”, para ingressar num universo público de relações profissionais, onde terá que conquistar, sozinha, seus espaços¹⁶. Não se trata de alienação, de falta de crítica. Ele acaba incorporando os padrões coerentes

com os valores sociais com que se identifica. A mídia tem aí uma força muito grande. Ela consegue entrar no universo do jovem e criar nele necessidades de ser de determinado jeito para ser identificado no seu meio e conseguir tudo o que precisa. E o tema corpo, para completar, é muito presente na vida do jovem, pois nesta fase existe uma série de expectativas quanto às relações que envolvem afeto, sexo e erotismo.

Tudo me parece muito confuso, minha cabeça chega a doer. O corpo deve ser dominado para sobreviver numa sociedade individualista, onde existe a busca por relações afetivas e liberação de desejos do corpo.

Imagens passam pela minha cabeça, a sala de casa começa a girar. Figuras aparecem e somem, vejo pessoas andando, trabalhando, dançando, amando, correndo, desfilando...

É contraditória esta busca por um corpo "perfeito", quando em discurso fala-se que a pessoa deve ser conhecida "interiormente". Conhecer o interior das pessoas eu fiz, bastante, em aulas de anatomia! Não acho que o corpo deva ser interpretado como rótulo; aquela embalagem que não me atrai eu não compro. Mas existe a questão da identificação. Eu evito ao máximo conversar com pessoas que falam sobre assuntos pelos quais eu não me interesso. Não é maldade, mas quantas vezes não evitamos conversar com alguém, fingimos que não vimos, que não reconhecemos, não cumprimentamos? Não se trata de dizer o que é bom ou ruim. Mas paciência tem limite. Desta

mesma forma, também evito pessoas com que não me identifico corporalmente. Na vida, a gente só estabelece contato e vínculo com aquilo que nos atrai. Forma física, cor, ambiente, decoração, conversa. Criarei resistência a voltar num local onde uma vez passei horas conversando com uma pessoa "chata".

Não sei bem o que fazer. Talvez devesse conversar pessoalmente com Gustavo. Eu não sei o que o leva a buscar anabolizantes. As pessoas fazem muitas coisas que prejudicam a elas mesmas, conhecendo bem os riscos. Mas será que meu aluno tem esta consciência? Será que alguém já disse para ele que anabolizantes causam impotência sexual e calvície (tem coisa que mais apavore meninos do que isso)?

Apesar da direção da escola achar que não devo exigir trabalho dos meus alunos, pedi a eles que fizessem pesquisas sobre determinados temas relacionados a atividade física e saúde. Pedi que cada aluno escolhesse um tema e até tinha armado uma estratégia para Gustavo estudar sobre anabolizantes, o que não foi necessário, porque o menino logo disse que faria sobre esse assunto.

Poucos dias se passaram e ele veio conversar comigo.

- Dona, usei o computador da escola para entrar na Internet, um amigo meu deu umas dicas, achei muita coisa sobre anabolizantes. Mas achei uma lista de efeitos colaterais que me impressionaram. Depois que a

professora de biologia me explicou o que são efeitos colaterais, fiquei ainda mais assustado. Olha só, Dona: "calvície, acne, agressividade, hipertensão arterial, hipertrofia da próstata, limitação do crescimento, hepatotoxicidade, impotência sexual, esterilidade, insônia, cefaléia, aumento do mau colesterol, diminuição do bom colesterol, ginecomastia (surgimento de mamas), selamento das epífises ósseas, coronariopatias (complicações cardíacas), enrijecimento das articulações e atrofia testicular" ¹⁷.

Nem sei o que é isso tudo...

Conversamos por algum tempo, explico tudo o que significavam os diversos nomes que ele não conhecia, a função de cada órgão atingido pelos anabolizantes, sua localização no corpo. Seus olhos se arregalam a cada novo esclarecimento, ele demonstra interesse, curiosidade. Não pergunto em momento algum se ele alguma vez já tomou ou conhece alguém que tome. Fico com receio de inibi-lo. Talvez eu devesse ser mais otimista, mas não acredito que, neste momento, Gustavo pare de usar anabolizantes. Mas com certeza a conversa é muito esclarecedora.

Não sei exatamente quanto tempo passou ou quantas dúvidas surgiram desde que notei o que acontecia com o meu aluno. Talvez esteja mais tranqüila, por saber que fiz o que estava ao meu alcance, neste momento. Marco um encontro com

um amigo que tomou anabolizantes por alguns anos, para que ele, talvez, me esclareça o que leva uma pessoa a uma atitude tão agressiva consigo mesma, tendo consciência de tudo o que pode acontecer, em decorrência disso.

- Faço musculação desde os 14 anos de idade. Com 20, um amigo falou que, saindo da academia, passaria na farmácia para começar um ciclo de anabolizantes. Ciclo é uma sequência de hormônios por um determinado período.

Fui junto, aproveitei para tomar, ver o que acontecia. Fiz meu primeiro ciclo de dois meses. A diferença é muito grande e imediata. O problema é que, quando acaba este período, a gente diminui um pouco, a força também. Quer dizer, na semana passada eu levantava mais peso que agora. Na academia me chamavam de frango, nestes intervalos. A gente cria um vício psicológico, pois se eu tomo fico mais forte e chamo mais a atenção das pessoas. As mulheres não gostam. Elas olham, se impressionam, mas a aceitação é muito baixa. A satisfação é conseguir levantar mais peso que as outras pessoas na academia, todos param para ver. É perceber que um cara ficou com inveja da minha barriga definida, do meu braço enorme. Parar não foi fácil. Se eu não estou com uma elevada auto-estima, nem adianta tentar. Porque quem puder vai dizer que virei "frango" de novo.

É absolutamente confuso imaginar como as pessoas se deixam influenciar. Mas é óbvio. Na verdade, ele não disse nada que me fosse absolutamente novo. Afinal, as pessoas

bebem, fumam, comem demais sabendo que não faz bem. Lembro de uma aluna, da oitava série, que um dia chegou assustada e me perguntou se tomar laxante era um bom meio para emagrecer, já que ela não tinha dinheiro para comprar remédios indicados para isso, muito menos para ir ao médico. Alertei a menina, mas, mesmo assim, ela tomou, até o dia em que desmaiou, no centro da cidade.

Chama-me a atenção a questão da auto-estima. Posso fazer muitas coisas, posso ajudar a esclarecer muitas dúvidas dos meus alunos em diversos casos, mas não sei como melhorar a auto-estima deles, quando não se sentem aceitos pelos colegas. Os valores do grupo são determinados pelos seus integrantes e qualquer intervenção que eu tente fazer será entendida de acordo com os valores deles.

Notas

5. Courtine, J. J. Os Stakhanovistas do Narcisismo: body-buiding e o putitanismo ostentatório na cultura americana do corpo in SANT'ANNA, D. B. (org) Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 83.
6. Fraga, A. B. Anatomias Emergentes e o Bug Muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI in Soares, C. L. (org) Corpo e História. Campinas: Autores associados, 2001.
7. Soares, C. L. Corpo, Conhecimento e Educação: notas esparsas in Soares, C. L. (org) Corpo e História. Campinas: Autores associados, 2001, p. 119.
8. Ver o texto de Vaz, A. F. Treinar o corpo, Dominar a Natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal in Soares, Carmen Lúcia Corpo e Educação. Caderno Cedes, ano XIX, número 48, agosto 1999, p. 89-104
9. A partir de um texto de Clarice Lispector que circula pela Internet, chamado "Eu Sei Mas Não Devia".
10. Fraga, A. B., op. cit., 2001, p. 61.
11. Núcleo de Pesquisa da Comunicação Contemporânea, op. cit., s.d.
12. Revista carta Capital, ano 7, número 146, 09/maio/2001, "As mil faces da beleza". O artigo traz um pouco da história da beleza feminina, desde antigo Egito até a atualidade, com muitas fotos, que ilustram as diferentes épocas.
13. Caldeira, J. Viagem Pela História do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 13.
14. Chauí, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995, p. 299.
15. Daolio, J. Da Cultura do Corpo. Campinas: Papirus, 1995, p. 37
16. Núcleo de Pesquisa da Comunicação Contemporânea, op. cit., s.d., p. 8-9
17. Informações tiradas do site www.fisioculturismo.hpg.com.br, em 21 de setembro de 2001, às 18 horas.



CAPÍTULO 3



*Salgado, Sebastião Terra. São Paulo:
Companhia das Letras, 2001*

- CAPÍTULO 3 -

Muitas primaveras se passaram, desde que comecei a entender um pouco mais sobre cultura, padrões, identidade. Cláudio e Gustavo eu não voltei a ver. Terminaram o ensino médio e nunca mais voltaram à escola. Às vezes penso se Gustavo parou ou não de tomar os anabolizantes. Como ele está, hoje? Provavelmente nunca saberei. Ilusão achar que um dia vou encontrá-lo. Isso nunca vai acontecer.

Pessoas passam por mim, em todos os lugares. Olho para elas e vejo um pouco do que sou. Depois volto a vê-las como elas mesmas. Cada ruga da velha senhora conta uma história, os braços fortes do trabalhador, os calos nas mãos do escritor, as unhas comidas do trabalhador, a barba do homem que vive na rua, o pé descalço do menino que vende balas no semáforo. Todos têm uma história individual, mas parece que também têm algo em comum. O mundo parece um pouco louco, lembro de quando era criança e meus pais me levavam num parque de diversões onde tinha uma casa de espelhos. Era o lugar onde mais me divertia, ora me via de um jeito, ora de outro, alta, baixa, gorda, magra, achatada, esticada.

Assim me sinto ao olhar para as pessoas. Vejo um pouco do que sou, algo obscuro, parece um borrão de mim. Depois enxergo, mais nitido, uma pessoa que se mostra de determinada forma para mim. E ninguém mais a vê como eu. "Cada sociedade elege um certo número de atributos que configuram o

que e como o homem deve ser, tanto do ponto de vista moral ou intelectual, quanto do ponto de vista físico”¹⁸. Completaria, ainda, que estes atributos que configuram o homem configuram também a forma do homem ver o homem.

Muitos Cláudios e muitos Gustavos passaram por mim nestes últimos anos. Trabalhar em escola é algo interessante. Os anos passam, parece que os alunos sempre são os mesmos. Mas, a cada ano, eles parecem mais revoltados, sem interesse nenhum em estar lá. Percebo que a escola é uma grande reprodutora da cultura, ou melhor, de uma cultura dominadora. Ela ensina a cultura da sociedade mascarada por uma ideologia que “é uma das maneiras pelas quais as sociedades históricas buscam oferecer a imagem de uma única cultura e de uma única história”¹⁹. “A instituição escolar (...) é a expressão material da idéia de educação do corpo e da constituição de um projeto político da ordem”²⁰. Parece que a escola quer tirar os valores do aluno, aquilo que ele aprendeu com suas famílias, com suas pequenas “tribos”, para que ele aprenda o que é “realmente importante”, segundo a tal ideologia. Aí ele se desinteressa, se revolta, quebra a escola, solta bombas no banheiro, picha seus muros. E eu, neste meio, tenho consciência de que não sou um oásis no deserto, reproduzo o sistema, também. Lógico que tento fazer isso de forma menos agressiva. Minha tentativa é não ignorar a cultura de cada um.

Mas no fim todos se adequam à cultura imposta. É incrível ver alunos que saem da escola com uma série de valores que não

são da sua cultura, mas que não aprenderam o que a escola, teoricamente, se propõe a ensinar. Excursão para o McDonald's é o exemplo mais claro disso. Na verdade, acho que a escola ainda é o melhor meio de educação formal, mas ela está trabalhando, talvez ingenuamente, a favor do sistema capitalista, criando apenas o trabalhador, deixando de lado questões importantes para a formação do indivíduo.

"Fica evidente, portanto, que o conjunto de posturas e movimentos corporais representa valores e princípios culturais. Conseqüentemente, atuar no corpo significa atuar numa sociedade na qual este corpo está inserido. Todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano - a Educação Física faz parte delas - sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas neste contexto, a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem como sujeito da vida social" ²².

Então o corpo, nesta história toda, é onde "estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário entre o indivíduo e o ambiente que o cerca" ²³. Não existe nenhuma fórmula mágica, algo que possa ser dito de forma padronizada (já que estamos falando de padrões...) quando um aluno apreende esta cultura, este ideal, como "o único" ou "o certo" e tenta se adequar a ele, como aconteceu com Gustavo. Cada situação é uma, cada aluno é um, mas acredito que o

único meio de ajudar a romper o tal ciclo que Ioli me dizia é através de um processo cuidadoso de formação crítica. Não adianta dizer para a minha aluna que ela não está gorda, ou que quem disse isso para ela é um babaca, mas tenho que levar em consideração o fator social. Ela sente necessidade de emagrecer, para ser aceita no grupo. E é muito provável que num primeiro momento ela não considere o que eu tento dizer, pois todos ao seu redor dizem algo contrário a mim. Mas eu faço o que está ao meu alcance e acho que, um dia, cada um vai perceber e entender o que eu tentei explicar.

Notas

18. Daolio, J., op. cit., 1995, p. 39.
19. Chauí, M., op. cit., 1995, p. 296.
20. Soares, C. L., op. cit., 2001, p. 113.
21. Daolio, J., op. cit., 1995, p. 39.
22. Daolio, J., op. cit., 1995, p. 42.